

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 15, número 1 (2024)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Escrita de Nós ou Escrita Engajada: Geografias de Vida desde um Professor Gay

*Escritura de Nosotros o Escritura Comprometida:
Geografías de la Vida de un Profesor Gay*

*The Writing of Us or Engaged Writing: Geographies of
Life from a Gay Teacher*

Tiago Rodrigues Moreira

Instituto de Geociências Unicamp – Brasil
t229845@dac.unicamp.br

Como citar este artigo:

MOREIRA, Tiago Rodrigues. Escrita de Nós ou Escrita Engajada: Geografias de Vida desde um Professor Gay. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 15, n. 1, p. 67 - 80, 2024. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Escrita de Nós ou Escrita Engajada: Geografias de Vida desde um Professor Gay

Escritura de Nosotros o Escritura Comprometida: Geografias de la Vida de un Profesor Gay

The Writing of Us or Engaged Writing: Geographies of Life from a Gay Teacher

Resumo

O mote central deste texto desliza sobre a importância de uma educação situada e de como nossa orientação sexual impacta no nosso fazer-geográfico em sala de aula. Negação, dúvida e afirmação foram três modos adverbiais para a composição da escrita de nós sustentada pelo movimento do verbo ser. A escola se encontra na clivagem da hospitalidade e hostilidade, fazendo correspondência aos modos de como nos relacionamos com ela. Entendemos como método a fenomenologia existencial sartreana que, a partir da escrita das geografias de vida de um professor gay, neste caso, se constitui por escritas entendidas enquanto construções ancoradas na situacionalidade. Ouvir e ler as geografias de vida de professores gays nos ajuda a perceber que estamos sempre na circularidade e na horizontalidade. O esforço que fazemos neste texto é o de situar a importância da escrita e da escuta do outro enquanto correspondência a mim.

Palavras-Chave: Escola; Educação; Sexualidade-em-situação; Situacionalidade.

Resumen

La cuestión conductora de este texto es la importancia de la educación situada y cómo nuestra orientación sexual impacta nuestra práctica geográfica en el aula. Negación, duda y afirmación fueron tres modos adverbiales para la composición de la escritura de nosotros, apoyados en el movimiento del verbo ser. La escuela se encuentra en la división entre la hospitalidad y la hostilidad, correspondiente a las formas en que nos relacionamos con ella. Entendemos la fenomenología existencial de Sartre como un método que, a partir de la escritura de las geografias de vida de un profesor gay, en este caso, se escribe como construcciones ancladas en la situacionalidad. Escuchar y leer las geografias de vida de profesores homosexuales nos ayuda a darnos cuenta de que siempre estamos en circularidad y horizontalidad. El esfuerzo que hacemos en este texto es situar la importancia de escribir y escuchar a los demás como correspondencia conmigo.

Palabras-Clave: Escuela; Educación; Sexualidad-en-situación; Situacionalidad.

Abstract

The central theme of this text is the importance of situated education and how our sexual orientation impacts our geographical practice in the classroom. Denial, doubt and affirmation were three adverbial modes in the composition of the writing of us supported by the movement of the verb to be. The school finds itself at the cleavage of hospitality and hostility, corresponding to the ways in which we relate ourselves to it. The method adopted was Sartre's existential phenomenology based on the writing of the life geographies of a gay professor, which in this case, are written as constructions anchored in situationality. Listening to and reading the life geographies of gay teachers helps us realize that we are always in circularity and horizontality. The effort we make in this text is to situate the importance of the writing of and listening to others as corresponding to us.

Keywords: School; Education; Sexuality-in-situation; Situationality.

Tiago Rodrigues Moreira



Grafar a existência

Rasgaram-nos/ nos rasgamos
Dilaceram-nos/ nos dilaceramos
Riram de nós, riram em nós/ rimos da gente
Gritaram-nos/ nós gritamos
Mataram-nos/ nos matamos
Esgotaram-nos/ esgotados estamos
Fizeram-nos/ nasceram nós
Floresceram-nos/ nós brotamos
Rebentamos a terra, a terra seca da homofobia, do preconceito...
Brotamos, nascemos, crescemos, morremos...
Em sala, aplaudem-nos, reviram-nos os olhos
Na aula, nos beijam com os olhares de orgulho
Em vida, caminhamos...

Quais grafias estão por trás de cada professor? Quais foram e são os caminhos vividos por professores gays? Pouco é deslindado sobre esses trajetos até o exercício da docência. No nosso contexto contemporâneo, estamos atolados e imersos na correria desenfreada dos prazos e metas que, por vezes, nos impedem de, simplesmente, ouvir os alunos e senti-los como uma classe que carece de escuta. Essa corrida em que estamos inseridos corresponde ao afastamento do acolhimento, da pausa e da conversa.

Ao entrar em uma sala de aula enquanto professor regente, muito se esconde por trás da formalidade de um cargo, pois, naquele momento, muito mais importa o conteúdo a ser debatido do que a vivência do professor. No entanto, cada vez que nos distanciamos de nossas trajetórias, nos tornamos imparciais a existências dos alunos.

Por assim dizer, sempre que inicio minhas aulas, tenho como proposta falarmos um pouco sobre como foi nosso passado, ou apenas como foi nosso dia, com o intuito de conhecer um pouco mais de cada aluno para, então, poder estabelecer alguns pontos de intimidade e solidariedade. Nesse momento, coloco-me como falante também: abro a roda falando de algo que marcou a minha trajetória enquanto professor.

Nessas aberturas, sempre situo o fato de ter lecionado em pequenas escolas do interior mineiro, onde pouco ainda falamos sobre sexualidade e gênero nas escolas. Mesmo sendo parte do conteúdo programático, assustava-me como isso se tornava burburinhos por dias e dias na escola. Muitas vezes, hoje lecionando em cidades médias do estado de São Paulo, os burburinhos ainda se alastram. Isso ocorre porque nós, professores, temos pouco o hábito de nos colocar enquanto referência para aqueles alunos.

Pensar os contextos em que professores gays estão inseridos, tornam-se, desde então, potências para deslindar os modos como a educação tem sido desdobrada no cenário contemporâneo. Quando escrevemos “pensar os contextos”, almejamos problematizar as heranças colonialistas e misóginas que ainda proliferam doutrinas estigmatizantes. “O que está posto é uma evidente disputa com os valores hegemônicos que localizam e conferem direitos apenas a uma parcela da humanidade” (Bento, 2011, p. 559). Tais heranças são



proliferadas ingenuamente (ou propositalmente) com o intuito de tirar da escola assuntos como sexualidade e gênero. Pois, a problemática não é tonificada por um enquadramento (Butler, 2015), uma possibilidade de rasurar o que não faz parte da pasta.

Os desdobramentos da educação se manifestam de modos distintos e transversais. Por isso, ao remontar certos posicionamentos, tendemos a cair em uma falsa ilusão de querer qualificar tal situação, uma vez que, no nosso sistema educacional brasileiro, são várias as ações de posicionamentos neoliberais. Por outro lado, várias são as ações de cunho democrático e libertador. Desse modo, não queremos sistematizar tais posicionamentos, mas sim trazer a reboque como professores gays grafam a escola; ou seja, como nós, enquanto formadores e transformados, conseguimos nos fazer enquanto professores.

Para tal situação, recorremos à escrita, ao ato de escrever enquanto modo de contarmos nossas geografias de vida. A escrita marca, grava, sulca, rasura nosso fazer cotidiano. Para esse momento, pretendemos rasurar a escrita, desobedecer à marca que só se escreve para poder ler.

Pela possibilidade de dar vazão àquilo que projeto, desse modo, a escrita assume a tenacidade do texto. A escrita provoca o drible epistemológico, o ecoar das inquietudes de um problema, pois, ao tingir o texto com minhas palavras e as dos outros, coloco-me justamente no processo lavrativo da existência. Estou situacionalmente em texto, sendo escrita transversa de si com os outros (Moreira, 2021, p. 18).

Corroborando com a nossa empreitada, trazemos o clássico Manoel de Barros (2003, p. 85) em "Memórias inventadas" para nos ajudar a dar força à escrita, pois ele "aprendera que as imagens pintadas com palavras eram para se ver de ouvir".

Ao repousarmos nossas inquietações para as geografias de vida, as entendemos enquanto modos de perceber e sentir o mundo a partir da situação experienciada, ou seja, no seio dos modos de existência, seja pela relação de circunstancialidade (Malpas, 1999; Marandola Jr., 2014), pela situação e pela situacionalidade (Moreira, 2021). Sempre levando em consideração a relação de movimento e orientação, calcada na temporalidade e na verbalidade.

Marandola Jr. (2020), na busca de uma geografia-mais-que-extensiva, nos provoca a pensar sobre a adverbialidade nas constituições das lugaridades. Desse modo, ao apresentar aqui as geografias de vida de um professor gay, estamos insistindo na fissura do movimento da "necessidade adverbial que potencialize a multiplicidade de modos de ser, desubstancializando o lugar e albergando-o como emergência e irrupção" (Marandola Jr., 2020, p. 06).

Sendo assim, ao redigir geografias de vida de um professor gay, estamos apostando na radicalidade orgânica da escrita; aquela que, antes, manifesta-se enquanto uma escritura de nós, uma possibilidade de conversa em coletivo; ao mesmo tempo, a mesma se manifesta enquanto engajamento.

Quando recorremos à escrita de nós, estamos nos aproximando e apropriando dela, fazendo com que pela escrita possamos nos conectar e se encontrar de algum modo, seja na exaustão, na felicidade, na euforia ou na

angústia. Por isso, nossa pergunta central é: como um professor gay grafa uma escola? Ou melhor: como ele se grafa na escola?

Uma autora que, desde a década de 1980, desponta nos estudos com base na educação, gênero e sexualidade, é Guacira Lopes Louro (2000; 2001; 2003; 2008a; 2008b; 2012; 2013). Essas são apenas algumas das tantas obras da autora que mobiliza questões ainda tão engessadas e embriagadas do sistema educacional colonial. Louro articula seu pensamento com as posturas pós-estruturalistas do fazer ciência, promovendo um diálogo com os dispositivos de poder que controlam as sexualidades e os gêneros, descrevendo, a partir das marcas no corpo, retratos de épocas em que o espaço dos professores gays ainda não era tão incisivamente marcado.

Concordando com Louro, em tantas de suas obras, mas também com a possibilidade de abertura, propomos aqui um esgarçamento da sexualidade. Para isso, contamos com o baldrame da fenomenologia.

Propomos neste texto uma possibilidade, que é a escrita da geografia de vida. Para isso, contamos com três momentos em que estive na nervura do vivido sendo desafiado pelas normativas escolares por ser um aluno gay e, posteriormente, um professor gay.

Ao ser chamado para lavar essas geografias de vida, contamos com o método, da descrição lavrativa da existência (Moreira, 2021). Por sua vez, a proposição de uma ontofenomenologia¹ biográfica que corresponde à possibilidade de grafia do mundo que circunda. Ou seja, a escrita se manifesta justamente pelo inscrever-se na história por meio dos modos geográficos de situar-se. O lavar a existência desobedece ao modelo pronto a partir das representações; ele resguarda o ordinário e as particularidades do cotidiano enquanto modo de possibilidade existencial.

Acreditamos na potência da sexualidade-em-situação cujos contornos, por meio da experiência vivida, conseguimos delinear sem colocá-la em um contêiner. Ou seja, muito do nosso esforço caminha na horizontalidade e na porosidade do fenômeno da sexualidade. Por isso, entendemos como sexualidade-em-situação:

a possibilidade de deslindar suas características que são vividas no cotidiano por meio das situacionalidades. Encarar a sexualidade-em-situação como movimento de mediação, ponderação, espera, escuta e constituição de identidades, esbarra com a premissa de edificar uma ontofenomenologia da sexualidade, ou seja, uma descrição do movimento da própria relacionalidade da sexualidade-em-situação, vivida e organicamente deflagrada. Trazer para o seio de discussão deslindes de uma sexualidade-em-situação é tingir o texto com nossa própria tinta, é grafar o mundo com tons de existência, é abrir para mundo a importância de não se isentar, ou de não se enviscar no mundo, assim como no próprio texto, o ser-em-situação uma vez lançado ao mundo está à mercê das mundanidades, engajado e

1 Sartre, em seu ensaio de uma ontologia fenomenológica, propõe “o entrecruzamento da fenomenologia com a ontologia buscando superar o idealismo e o realismo. Nesse sentido, o filósofo deverá colocar o problema do ser do fenômeno e do fenômeno de ser” (Fujiwara, 2018, p. 857). Desse modo, para o filósofo, “se a essência da aparição é um ‘aparecer’ que não se opõe mais a nenhum ser, há um problema legítimo do ser desse aparecer” (Sartre, 2016, p. 14).

situado, sendo assim, cabe a ele interagir com os meios que a ele é ofertado (Moreira, 2021, p. 23).

Erigir uma escrita que respingue traços vividos a partir da existência desvela a fenomenalidade da situação em que estamos envolvidos. Por isso, optamos pela postura que acreditamos ser coerente com a proposta do texto. Ou seja, para o momento, apostamos em uma escrita de nós, trazendo a alteridade para contornar nossas escritas, povoando-as de vivacidades. Tomamos como impulso no fazer-escrita de nós a proposta sartreana de engajamento, ou seja, Sartre (2019) toma a escrita enquanto modo de desvelar as situações que nos rodeiam, pois, segundo ele:

ao falar, eu desvendo a situação por meu próprio projeto de mudá-la; desvendo-a a mim mesmo e aos outros, para mudá-la; atinjo-a em pleno coração, traspasso-a e fixo-a sob todos os olhares; passo a dispor dela; a cada palavra que digo, engajo-me um pouco mais no mundo e, ao mesmo tempo, passo a emergir dele um pouco mais, já que o ultrapasso na direção do porvir (Sartre, 2019, p. 28).

Quando Sartre (2019) remete à fala, ele está próximo da palavra, ou seja, aquilo que toma conta e invade a si, transbordando de escolhas. Cria-se, então, a indigência de adotar determinados comportamentos que são pavimentados pelo próprio engajamento, pois, ao engajar-mo-nos, colocamo-nos na fissura da história com a nervura da situação, encaminhando-nos para as situacionalidades. Nas palavras de Hilgert (2011, p. 90) “o engajamento é projetado com vistas ao porvir, uma vez que agir é transformar e a transformação é escolha adiantada”.

Por se tratar de uma escrita engajada, temos como orientação a direção para a liberdade, o comprometimento e a responsabilidade. Um modo generoso de encontro com a alteridade na perspectiva do engajamento com o mundo. Desse modo, engajar-se se manifesta enquanto uma direção ao modo de ser social configurando algum sentido de finalidade (Souza, 2008). Ou seja, como já perguntara Sartre (2019, p. 27) “com que finalidade você escreve? Em que empreendimento você se lançou e por que necessita ele do recurso a escrita?”

Desse modo, pensar o engajamento na constituição das escritas de nós reverbera o sentido de singularidade e pluralidade da existência humana para a constituição de nossas identidades². E claro, não obstante, não podemos esquecer que todas nossas escritas de nós estão circunscritas em um mundo circundante, e que cada momento corresponde a um ritmo, uma clivagem entre tempo e espaço, na mobilidade, uma questão que é cravada no geográfico e no histórico (Moreira, 2021; Moreira; Pacheco Jr.; Marandola Jr., 2023).

A leitura de mundo que fazemos a partir da escrita de nós, nós professores gays, encontra-se na possibilidade de abrir a escrita, desfolhá-la, coloca-la em rasgo e rasura, fissura na palavra, escrita em abertura, contribuindo para com o rigor e a primosidade de uma conversa, vem de reboque o comprometimento com a existência e com a relação histórico-geográfica de cada um.

2 Pensamos identidade aqui, como um modo de ser-no-mundo lançado em seu projeto enquanto a falta da completude. Ou seja, um movimento para fora, uma abertura em contingência no mundo.

Não queremos aqui remontar o empilhamento de escritas que corroboram pensamentos associacionistas ou representacionais. Tentando nos afastar desse movimento, apoiado pela fenomenologia existencial sartreana, contribuimos para o desnude das caracterizações prévias e apostamos nas fenomenalidades do ser político que somos-em-situação (Moreira, 2024, *no prelo*). Desse modo, ao contextualizar, tomamos como fenômeno fundamental, desdobrar as questões subsequentes no prisma da sexualidade-em-situação (Moreira, 2021).

Negação: a escola no limiar da hostilidade e hospitalidade

No corredor, o grande de cabelos ruivos e o pequeno de ombros caídos gritavam. Os insultos se alternavam com os golpes e meu silêncio, sempre. "Bicha, bichinha, veado, arrombado, boneca, mocinha, mulherzinha, boiola (baitola), putinha, invertido, queima rosca, bambi, soca-bosta, maricas, tia velha, ou o homossexual, o gay". Algumas vezes nós nos cruzávamos na escadaria repleta de alunos, ou em outro lugar, no meio do pátio. Eles não podiam me bater na frente de todo mundo, eles não eram tão burros, acabariam suspensos. Eles se contentavam com um xingamento, bastava um "bicha" (ou outra coisa). Ninguém em volta dava importância, mas todo mundo ouvia. Acho que todo mundo ouvia, porque eu me lembro dos sorrisos de satisfação que apareciam no rosto dos outros no pátio ou no corredor, como se lhes desse prazer ouvir o grande de cabelos ruivos e o pequeno de ombros caídos fazerem justiça, dizendo aquilo que todo mundo pensava no fundo e sussurrava quando eu passava, e que eu ouvia "Olha lá, é o Bellegueule, aquela bicha".

(Édouard Louis)

Fui uma criança criada na roça, lavrada e sulcada no cerrado mineiro. Minha infância fora vivida nos arredores dos quintais, com os pés descalços no terreiro batido, na lida na roça, vendo e brincando com as bonecas de milho, como já contado e relatado em minha dissertação de mestrado³. Isso remete ao fio que queremos tecer nesse texto, não enquanto fator determinante, mas sim enquanto modo de deslindamento da fenomenalidade vivida.

A escola, sabemos que pode ser um lugar tanto hospitaleiro quanto hostil; pude vivenciar ambos os modos. A escola em que fiz meu primário era na roça. Hoje não tem mais escola, apenas ruínas de um mundo vivido por tantas crianças e professores que por ali passaram. Recordo-me que o chão da escola era vermelho, tinha quatro salas apenas, uma para cada série. No recreio, tínhamos o gramado da frente. Às vezes, deixavam-nos sair para brincar de pegador (pega-pega) quando as vacas não estavam soltas no pasto. Isso era porque a escola estava dentro de uma fazenda, o terreno fora cedido para a construção. Volta e meia brincávamos no canavial e logo éramos surpreendidos com broncas por entrarmos.

Sem mais delongas, o fato é que, desde criança, já era hostilizado na escola e chamado de bichinha, e vai saber o motivo. Hoje sei bem os motivos, mas na

3 Ver em "Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação", defendida em 2021 pelo programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas.

época não sabia, e nem podia chegar em casa e contar para minha mãe e nem para o meu pai, porque seria assumir tal marca. Foram anos sendo hostilizado pela grande maioria dos meninos. Logo me apeguei às meninas, fizemos bons anos de amizade, elas me entendiam, podíamos brincar sem algum tipo de preconceito. Ali sentia a hospitalidade do encontro e da cumplicidade, embora a hostilidade também se manifestasse a partir do encontro.

Acabei o Ensino Fundamental 1, isso quer dizer que eu teria que ir para a cidade para estudar na escola estadual. Foi um misto de sensações, pois seria um momento de um novo começo (achava eu que iria ser diferente), onde pessoas não me conheciam; logo, pensei que seria melhor.

Os primeiros anos foram enclausurantes, isso devido à dimensão da experiência. Não tinha rotina de cidade, o meu tempo era o tempo de roça, ou seja, todo aquele sonho de começar do zero foi infundado, pois a hostilidade se manifestava de modo maior. Ainda mais que eu já sabia o que era o famoso “viadinho” ou “bichinha” de que tanto me chamavam e, mais do que nunca, queria abominar aquilo de mim, queria de todo modo que esse rótulo fosse expurgado de minha existência.

O intrigante é que nesse processo tive um professor gay (na verdade, tive dois, ambos abertamente gays e efeminados, mas do segundo falarei mais adiante). Nesse momento, eu tinha a faca e o queijo na mão, eu sabia o que eu não queria ser, não queria ser chamado de “baitola” por aí, era assim que os alunos chamavam um dos professores.

Estava naquele momento de aluno ressabiado, quieto e tímido, lá pelos idos dos finais dos anos 1990. A figura de ter um professor gay me assombrava, não sabia na época ao certo o porquê do assombro. Mas, aos poucos, fui sentindo que, nos corredores, o nome desse professor sempre era interpelado com atitudes de homofobia, palavra então desconhecida por mim, isso porque muito pouco eu sabia sobre o que era um homem gostar de outro homem. Nesse caso, tudo que eu queria era que não me interpelassem como interpelavam meu professor. Agi no impulso da negação, não queria ser linchado como meu professor. Por isso, nos corredores me afastava dele, embora gostasse muito dele e quisesse estar perto, pois isso implicaria um preço.

Passou o ano e não tive mais aula com ele, mas ainda me recordo dos momentos de minha negação para com ele. Hoje, vendo minhas atitudes pelo retrovisor, sinto o quanto as crianças e adolescentes não estavam preparados ou não se preparam para tais atitudes. Atualmente, já temos outra postura a partir desse fenômeno; no entanto, ainda há muito a se fazer.

Dúvida: quando o encontro é constituinte do entre

Era preciso fugir. Eu estava então no nono ano e era hora de escolher que caminho seguiria. Eu me recusava terminantemente a fazer o ensino médio em Abbeville, no liceu do distrito ao qual era destinado. Eu queria ir para longe dos meus pais e não queria reencontrar os dois garotos. Queria chegar a um território desconhecido, dizendo-me – eu tinha esperança por causa dos progressos que fizera – que não seria mais considerado veado. Fazer tudo do zero, recomeçar, renascer.

(Édouard Louis)

Falar do segundo professor se torna momento de muita alegria e nostalgia. Ele foi meu professor de Geografia no ensino médio, e um dos principais motivos de ter escolhido Geografia e de ser professor remete a ele e suas aulas. Ele, na época, tinha um brilho ao ensinar Geografia que contagiava a sala inteira, e acredito que meu apego a geopolítica e atualidades devo ter herdado dele. Sempre, no início de sua aula, separava cinco minutinhos para as fofocas do dia, era o “fofocageo”. Momento de descontração e sabedoria e, claro, como um professor gay afeminado, era o professor mais pintosa da escola e um dos mais queridos.

Foram bons anos vivenciando aquela Geografia vivida naquele lugar que ficava no limiar da hostilidade e da hospitalidade. Com aquela figura, eu e outros alunos gays passamos a ficar mais seguros, embora ainda para mim fosse um exercício constante de negar a minha homossexualidade. No entanto, mesmo que de certo ponto, agradava o jeito que ele aparecia em sala.

Esse segundo professor, de certo modo, foi responsável por eu me entender uma criança gay, mesmo que eu tenha vindo a me aceitar enquanto gay muitos anos depois. Nesse caso, sempre ficava o mais próximo dele para que os outros colegas que ficavam me chochando pudessem ver que eu estava com um adulto me defendendo, eu tinha alguém para poder falar para mim.

Logo menos ele foi embora, chamado em outra escola mais próxima de sua cidade natal. Estava ali só, então, e assim terminei o ensino médio, com um gostinho de que talvez eu pudesse viver aquela vida de ser um homem gay. Porém, acabei indo para o caminho da negação, porque a hostilidade sempre pesa no assolar das escolhas. Migrei para uma outra cidade, e não foi diferente: continuei a negar-me por um bom tempo. Com sua saída, passei a me fechar novamente, envelopei minha homossexualidade, guardei-a para que não pudesse sofrer novamente. De fato, era insuportável ser gay em uma escola hostil. Tive que me adaptar, e a adaptação mais rápida era me eclipsar novamente.

Afirmção: o ensino de geografia situado

Estamos no corredor, na frente da porta cento e dezessete, esperando a professora, Madame Cotinet.

Alguém chega,

Tistan.

Ele me interpela

"E ai Eddy, continua a mesma bichinha de sempre?"

Os outros riem.

Eu também.

(Édouard Louis)

Depois de um bom tempo de negação para com minha homossexualidade, comecei a soltar-me aos poucos. Recordo-me que estávamos em uma festa da faculdade e dei o meu primeiro beijo homoafetivo, e fiquei todo nervoso (após) porque minhas amigas tinham visto. Mas acabei indo contar a elas, e comecei a chorar perguntando se as mesmas ainda iriam continuar sendo minhas amigas. Elas riram da minha cara e falaram: “já sabíamos só estávamos esperando o

seu tempo de encontro consigo mesmo”. Esse foi então um pontapé de que necessitava naqueles momentos.

Fui sendo um professor gay e levando comigo todas as alegrias e frustrações que pessoas como nós levamos. A escola em que fui lecionar era uma escola do interior de Minas Gerais na nascente do Rio Jequitinhonha, onde se inicia o Alto Vale do Jequitinhonha. Fui na cara e na coragem para uma cidade desconhecida. Até então, minha homossexualidade nunca tinha tido sido levantada como questão, mas um dia, ao entrar na sala de aula, estava escrito no quadro bem grande com giz branco “prof tiago é bixa”...

Nesse momento, fiquei alguns segundos tentando digerir aquela frase escrita em uma sala. Fiquei logo de início em choque, levei um susto e, com esse susto, passou uma sequência de geografias vividas por mim. Lembrei-me do quanto o meu professor gay era hostilizado na escola em que estudei, mas também lembrei do meu outro professor que era querido por todos.

Permaneci de pé e tentei sondar os alunos sobre que frase era aquela, todos já assustados pensando no que eu poderia fazer. Daí começou o disse me disse, “ah, foi fulano, ah, foi ciclano prof.” Esperei o falatório terminar e acabei por perguntar se eles sabiam o que era ser “bixa”. Estava em uma sala de sexto ano do fundamental dois; desse modo, muito dos repertórios que eles carregam são repertórios reproduzidos a partir de uma cisheteronormatividade. Por isso, questionei se eles saberiam me dizer o que seria uma “bixa”. Todos ficaram em silêncio. Nesse momento, não queria mais ser professor de solos (era a matéria que estava para eu dar). Queria fazer com que eles pensassem no poder que tem a palavra e a escrita, enquanto uma nomeação.

Ou seja, eles, a partir de uma experiência situada comigo, nomearam-me enquanto bixa. Ficamos, provavelmente, a aula toda explicando e conversando sobre identidade de gênero, orientação sexual e, por fim, acabei dizendo que sim, eu era e sempre tinha sido bixa, desde minha infância na escola que sofria com essas nomeações e adjetivos que me colocaram na soleira da solidão. E que nenhuma pessoa deveria ser tratada de modo pejorativo e preconceituoso sobre sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Desse modo, conseguimos, mesmo que brevemente, discutir sobre a escrita, a nomeação e as falas que são sumariamente destinadas a nós. Ser professor de Geografia naquele momento me possibilitou adentrar em um terreno melindroso com os alunos. Passei a sempre querer me colocar enquanto possibilidade de escuta e de fala, pois, se não tivesse escutado os alunos esse dia, eles continuariam a reproduzir as normatividades. Isso não quer dizer que todos pararam de fato de fazer tais nomeações; no entanto, já foi suficiente para fazê-los pensar em como o outro se sente na posição do nomeado.

Ensinar Geografia, no meu caso, é um modo de situar a problemática do humano na sociedade. De um humano que sempre foi visto como homem, essa natureza de homem o coloca na posição de destaque e superioridade, rebaixando as porosidades e as particularidades com que o ser-em-situação se manifesta.

E assim ocorre, atualmente, onde leciono geopolítica em um cursinho pré vestibular. Sinto que a proximidade que tenho com meus alunos se fundamenta na posição consolidada de uma afirmação da homossexualidade. Os modos como me relaciono com meus alunos se dão a partir de determinadas camadas,

ou podemos chamá-las de atmosfera do mundo escolar. Cada aluno tem um determinado respeito com minha pessoa, acredito eu que isso deriva de, já lá no início, ter colocado em xeque minha identidade de gênero e minha orientação sexual. Desse modo, a grafia que emana em sala de aula é uma lavratura engajada da pessoa que me constituo dia após dia.

No horizonte da negação, dúvida e afirmação: a escrita de nós enquanto adverbialidade

Ouvir e ler as geografias de vida de professores gays nos ajuda a perceber que estamos sempre na circularidade e na horizontalidade. O esforço que fazemos nesse texto é o de situar a importância da escrita e da escuta do outro enquanto correspondência a mim. Por isso o apelo a uma escrita engajada, ou seja, aquela situada no cerne do encontro. O encontro com o livro de Édouard Louis "O fim de Eddy" (2018), que sumariamente relata a experiência de um menino gay que fora assolado pelo preconceito na escola e em casa, nos ajuda a refletir a quais modos de educação queremos aludir. Albergar o que Louis sintetiza em seu livro se amalgama com a nossa possibilidade engajada da escrita de nós pelo prisma da adverbialidade.

Se entendemos aqui que a busca levantada por Marandola Jr. (2020) se assenta na potência da adverbialidade, e concordamos com ele, podemos, agora, deflagrar a possibilidade de circunscrever as geografias de vida enquanto movimentos circunstanciais. Tanto a negação, a dúvida e a afirmação foram contingenciais para entender a existência enquanto verbo. Enquanto movimento para fora, essa exposição que nos é convocada.

Por assim dizer, em outro momento relatei que

Acredito que a identidade homossexual possa vir a ser lavrada pelas vias da verbalidade, pois, sendo verbo, indica movimento e não pausa e cerceamento. A identidade enquanto movimento rasura as marcas deixadas pelas instituições normalizadoras, por isso, quando falamos que a identidade homossexual é isso ou aquilo no mínimo, pensamos em escapar de definições, e enviscar na possibilidade verbal da própria identidade, aquilo que muda, que gira, que roda, que muda de cor, que não se caracteriza e que sim, pulveriza. (Moreira, 2021, p. 91).

Nessa senda, ao entrar em sala de aula tendo toda essa trajetória adverbial da existência, podemos dizer que o modo como nos engajamos na sociedade muito mais nos diz sobre as contingências em que estamos situados. Muito tem a ver com a nossa temporalidade, com o nosso repertório de vida, nesse jogo político de se colocar em situação.

Nesse caminho, refletir os desafios propostos pela educação brasileira, contextualizando as inúmeras questões de gênero e sexualidade, temos que levar em consideração os determinados contextos geográficos dos alunos e professores envolvidos, pois, se estamos assumindo que a nossa existência se manifesta enquanto um fenômeno em condição de adverbialidade, ou seja, ocorre uma modificação no sentido do verbo (ser) a partir do lugar, modo, afirmação, negação, dúvida, intensidade, dentre outros modos.

Arrolar a sexualidade-em-situação nos alhures das salas de aula se torna um meio de possibilidade para que os alunos gays se sintam mais confortáveis e mais dispostos a não passar por todos esses tipos de negação e homofobia que sofremos durante nossa infância. A escola não tem o porquê de se tornar um lugar hostil e inóspito à existência humana. Ela carrega consigo o comprometimento com a liberdade ontológica de ser existente; por isso, revelar por meio das geografias de vida os modos adverbiais de existência aparece como possibilidade de uma escrita de nós ou uma escrita engajada.

Referências

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas**. A infância. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.

BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Revista Estudos Feministas**. v.19, n. 2. 2011.

BUTTNER, Anne. Home-Reach-Journey. In: MOSS, Pamela. **Placing autobiography in geography**. Syracuse: Syracuse University Press, 2001.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luto. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FUJIWARA, G. O fundamento do conhecimento em L'être et le néant. **Veritas** (Porto Alegre), n. 63, v. 3, p. 856–877, 2008.

HÄGERSTRAND, Torsten. Time-Geography: Focus on the Corporeality of Man, Society and Environment. In: **The Science and Praxis of Complexity**. Tóquio: The United Nations University, 1985.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Trad.: Marcia Sá Cavalcanti. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2018.

HILGERT, Luiza Helena. **Liberdade, autenticidade, engajamento**: Pressupostos de ontologia moral em Sartre. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2011.

LOUIS, Édouard. **O fim de Eddy**. Trad.: Francesca Angiolillo. São Paulo: Tusquets Editores; Planeta do Brasil, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. “Estranhar” o currículo. In: LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008b. p. 55-73.

LOURO, Guacira Lopes. A construção escolar das diferenças. In: LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 57-87.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Os estudos queer e a educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea**, v. 2, n. 2, p. 363-369, 2012.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. Viajantes pós-modernos. *In*: LOURO, G. L. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2008a. p. 11-25.

MALPAS, Jeff. **Place and Experience: a philosophical topography**. Cambridge University Press, 1999.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Fenomenologia do ser-situado**. Crônicas de um verão tropical urbano. São Paulo: Editora UNESP, 2021.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Lugar e lugaridade**. Mercator, Fortaleza, v.19, 2020.

MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. *In*: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MARANDOLA JR., Eduardo. **Habitar em risco: mobilidade e vulnerabilidade na experiência metropolitana**. São Paulo: Blucher, 2014.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. **Lavrando a existência gay: ontofenomenologia da sexualidade-em-situação**. Dissertação (Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Aplicadas. 2021.

MOREIRA, Tiago Rodrigues. Situação: um fundamento existencial para a sexualidade. **Geograficidade**. No prelo.

MOREIRA, Tiago Rodrigues.; PACHECO JR, Nelson. Cortes.; MARANDOLA JR., Eduardo. Casa como lar: entre descanso e movimento. **Kalagatos**, v. 20, n. 2, 2023.

SARTRE, Jean Paul. **Que é a literatura?** Trad.: de Carlos Felipe Moisés.

Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

SARTRE, Jean Paul. **O ser e o nada**: ensaio de uma ontologia fenomenológica. Trad.: Paulo Perdigão. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

SEAMON, David. **A Geography of the Lifeworld**: Movement, Rest and Encounter. Londres: Croom Helm Ltd, 1979.

SOUZA, Thana Mara. **Sartre e a literatura engajada**: espelho crítico e consciência infeliz. São Paulo: Edusp, 2008.

Recebido em 19 de novembro de 2023.

Aceito em 10 de abril de 2024.

Tiago Rodrigues Moreira

